
Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Evandro Fiorin em entrevista ao G1 sobre intervenção urbana em município de São Paulo | Imagem: [G1 Presidente Prudente](#)

Extraviados – Resenha de *Caminhar como estrangeiro em terras de descobrimentos: Processos de percepção da Arquitetura e Urbanismo contemporâneos*, de Evandro Fiorin

Eliei Roque (Unit)

Resumo: O livro *Caminhar como estrangeiro em terras de descobrimentos*, de Evandro Fiorin (2020), propõe uma leitura poética e multissensorial da cidade contemporânea. Destaca-se pela escrita sensível e pela crítica à lógica urbana capitalista. Contudo, exagera na idealização e na rejeição excessiva às tecnologias de orientação.

Palavras-chave: cidade contemporânea; planejamento urbano; capitalismo.

Publicado em 2020, pela editora ANAP, *Caminhar como estrangeiro em terras de descobrimentos*: processos de percepção de Arquitetura e Urbanismo contemporâneos, escrito por Evandro Fiorin, é um livro tese que busca estudar as novas formas de pensar a cidade, estando aberto às “possibilidades e à incerteza das novas metrópoles, sem idealizações apriorísticas ou modelos pré-estabelecidos” (p. 9). Fiorin convida o leitor a adotar uma postura de “estrangeiro” frente aos espaços urbanos, para reativar o olhar, perceber a diferença e acolher a incerteza dos processos urbanos atuais.



Evandro Fiorin é doutor e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP, 2009 e 2003) e possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp, 1998). Ele é professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e realizou estágio pós-doutoral na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (2014-2018), do qual resultou *Caminhar como estrangeiro em terras de descobrimentos*. A obra divide-se em quatro capítulos.

No capítulo inicial, o autor afirma que entrar na cidade e se perder nela é algo necessário. Isso nos leva a exemplos em várias escalas, como se perder ao caminhar pelas vielas de Veneza, não se encontrar pelas ciclovias de Amsterdã ou então entrar numa rua errada por Los Angeles. Em todos os casos, a desorientação torna-se ferramenta crítica de percepção. Critica a transformação da cidade voltada ao crescimento econômico e turístico, de forma que quem nela habita não foi o agente dessa transformação. Assim, o caminhar e ver a cidade torna-se obsoleto. Com isso, o autor sugere visualizar a cidade com “um olhar estrangeiro”.

Embora seja uma visão muito bela sobre a vida na cidade, na prática, é um modelo inviável. O autor leva essa ideologia a um nível radical quando critica até a existência de tecnologias de geolocalização, como se o perder-se na cidade fosse algo visceralmente necessário para encontrar beleza e sentido na urbe, isso nos leva a questionar se esse pensamento é poético ou uma iniciativa retrógrada, principalmente em contextos de insegurança urbana, exclusão territorial e acessibilidade limitada.

Após a contextualização, no segundo capítulo, o autor apresenta um panorama histórico das cidades e a preponderância da visão sobre os outros sentidos humanos. Em um estudo de caso, ele usa a Paris oitocentista, descrevendo como surgiram meios de mobilidade e comércio que hoje são travessias internas pela cidade parisiense. Além disso, traça um panorama de Brasília e seu Plano Piloto, declarando que esse projeto urbano desqualifica o espaço para as pessoas e dá prioridade aos carros. A solução encontrada pelos próprios habitantes foi a criação das cidades satélites.

Já no capítulo três, o autor defende uma perspectiva sobre planejamento urbano como algo visceralmente dependente da sociedade para ser completo. O arquiteto planeja, mas o projeto cumprirá seu objetivo apenas se estiver condizente com as necessidades de quem

vai habitá-lo ou utilizá-lo. O espaço urbano é produzido em interação contínua entre intenção projetual e uso social.

O penúltimo capítulo, o autor exemplifica pela cidade de Porto-Portugal casos em que os outros sentidos do corpo, além da visão, foram considerados no projeto. A categorização dos casos foi organizada em formas básicas da cidade, expondo aos leitores as situações nas quais se assemelham com as formas: Terrain Vague; Muro; Túnel e Ponte. Essa organização dos casos foi bem construída, demonstrando sensibilidade na escolha dos exemplos e coerência na forma como foram relacionados às categorias propostas. Cada forma urbana é explorada não apenas em sua materialidade, mas naquilo que evoca na experiência sensorial e simbólica do corpo.

Todos os capítulos são atravessados por fotografias e vinhetas que funcionam como dispositivos estéticos e metodológicos de registro sensível da cidade. Por exemplo, a imagem abaixo, onde “Adentramos por esse buraco, tal como Alice, na obra de Lewis Carroll; e, através do muro, o mundo se descortina em linhas de fuga à multiplicidade; estamos no Metro do Porto. Logo, tomamos um comboio para chegarmos à próxima estação” (p. 84-92). As fotografias compõem o próprio processo de pensamento de Evandro Fiorin. No entanto, a ausência de legenda descritiva em algumas imagens pode comprometer sua função comunicativa, especialmente para leitores menos familiarizados com os lugares retratados.

Apesar da beleza poética que permeia toda a obra, o autor escorrega em uma visão idealizada e pouco prática da vida urbana, chegando a propor a desorientação e o “caminhar como estrangeiro” como condição fundamental para experimentar a cidade. Essa abordagem, embora instigante, desconsidera questões como acessibilidade, segurança, e desigualdade territorial e funcionalidade. Ao criticar o uso de tecnologias de localização, Fiorin adota uma postura quase nostálgica que enfraquece o emprego de suas ideias no contexto urbano contemporâneo.

Não obstante esses problemas, o autor constrói uma argumentação sólida ao propor uma leitura da cidade que ultrapassa os limites da visão, defendendo uma percepção multissensorial e subjetiva do espaço urbano. Retoricamente, sua escrita é envolvente e persuasiva, utilizando metáforas potentes – como o “caminhar como estrangeiro” – para despertar no leitor uma nova forma de se relacionar com a cidade. Do ponto de vista lógico, a obra articula bem exemplos históricos, estudos de caso e experiências pessoais, estabelecendo conexões coerentes entre teoria, prática e sensibilidade. A crítica à padronização urbana e aos princípios capitalistas do planejamento moderno é embasada e consistente, revelando uma preocupação legítima com a humanização do espaço e com o papel ativo do corpo e da experiência cotidiana na construção do urbano.

Fiorin cumpriu com o objetivo de criar novas possibilidades de visualizar a cidade. Ele ilustrou as possibilidades de apropriação espacial. Construiu um ensaio sobre os processos de percepção da arquitetura e urbanismo contemporâneos e revelou as interpretações urbanas como maneira de ler suas paisagens. Ele afirma que pesquisa feita para construção desse livro foi árdua, levando-o a áreas de difícil acesso, e regiões inóspitas, desenvolvendo

“táticas” que “levaram anos” para “revelar os imaginários urbanos” (p. 120 e 141). Embora o autor não sistematize uma metodologia de percepção ambiental, propõe alternativas longe do mundo real, muito embora essa seja uma bela visão de um cenário agradável aos leitores, onde o caminhar pela cidade toma um rumo poético, que atravessamos a cidade e ela nos atravessa. A obra é recomendada para estudantes, professores e profissionais de Arquitetura e Urbanismo ou para curiosos sobre estudos urbanos.

Referências

FIORIN, EVANDRO. Caminhar como estrangeiro em terras de descobrimentos: Processos de percepção da arquitetura e urbanismo contemporâneos. São Paulo: ANAP, 2020.

Sumário de Caminhar *como estrangeiro em terras de descobrimentos*: Processos de percepção da arquitetura e urbanismo contemporâneos.

1. Ver pelos vieses do devir
2. Um olhar estrangeiro
3. A hegemonia da visão
4. A brincar de cabra-cega
5. No olho do furacão

Resenhista



Eliel Roque é graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tiradentes (Unit). Foi monitor do Núcleo de Pesquisa, Projeto e Extensão em Arquitetura e Urbanismo (NUPPE) e mentor do Projeto Mentoria da Universidade Tiradentes. Foi vencedor da primeira edição (Projeto Comercial), segunda edição (Projeto Institucional) e quarta edição (Projeto Sustentável e Projeto Efêmero) da [Revista Épura](#) e vencedor da capa da primeira edição. ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9693800954738090>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9663-5877>; Redes sociais: Instagram: @roqueeliel; Email: roqueeliel18@gmail.com.

Para citar esta resenha

FIORIN, EVANDRO. *Caminhar como estrangeiro em terras de descobrimentos*: Processos de percepção da arquitetura e urbanismo contemporâneos. São Paulo: Editora ANAP, 2020. 128p. Resenha de: ROQUE, Eli. Extraviados. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 23, p. 18-22, maio/jun., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).